

1. Introdução

Muitos autores que estudam a sabedoria de Santo Inácio de Loyola são unânimes em dizer que o discernimento é uma marca central da sua espiritualidade. Assim, as obras de Inácio, dentre elas o *Relato*, os *Exercícios Espirituais*, *Diário* e *Cartas*, confirmam esse seu interesse capital pelo tema.

No entanto, o discernimento inaciano não é algo absolutamente inaugural; Inácio dá seguimento a uma espiritualidade presente desde a época dos profetas bíblicos, perpassando o Novo Testamento (Jesus, Paulo e João), a Patrística e outros autores medievais.

A continuidade dada por ele ao tema, contudo, chega a nós com uma originalidade indiscutível. Tendo vivido em um século conturbado, o século XVI, de intensa transição, onde a Igreja sofria uma forte crise de tradição e de autoridade, Inácio resgata o sentido e a importância da experiência pessoal na vida cristã, como veremos. A própria cultura da época começara a romper notadamente com o ideal de vida e com os modelos de pensamento da Idade Média, tanto no campo político quanto no campo eclesial. Sem nunca deixar de ser um “homem de Igreja”, Inácio enfrenta algumas teorias teológicas contemporâneas, baseado na sua forte experiência de encontro com Deus. Muitas vezes a Inquisição o intimou pelo simples fato de não possuir estudo suficiente para falar das coisas de Deus (cf. *Autob.* 64-72.78.81); ele parecia estar fora dos padrões eclesiais exigidos.

Esses acontecimentos, contudo, nunca o intimidaram. Santo Inácio havia compreendido que existia outro tipo de conhecimento, o qual lhe dava tanta luz que ele não podia duvidar ou desconfiar. Na “iluminação do Cardoner”, por exemplo, ele chega a afirmar que essa experiência foi de tal modo significativa que “em todo o correr de sua vida, até os sessenta e dois anos completos, se ele reunisse todas as numerosas ajudas que recebeu de Deus e todas as numerosas coisas que aprendeu, não lhe parecia ter recebido tanto quanto daquela única vez” (*Autob.* 30). Sem dúvida, uma certeza-força para enfrentar qualquer situação, inclusive a Inquisição. Na *15ª Anotação* dos *Exercícios Espirituais*, livro onde se encontra sistematizada a sua experiência, ele diz a modo de recomendação: “deixe o Criador agir imediatamente com a criatura e a criatura com seu Criador e

Senhor” (Cf. EE 15,6). Inácio havia descoberto o dinamismo e a força da graça divina.

Ele parece ultrapassar o referencial religioso tradicional de sua época e reivindicar uma emancipação da experiência pessoal com Deus. O ser humano, com a graça divina, é capaz de discernir seus próprios caminhos e encontrar a vontade de Deus em sua vida, ou seja, é capaz de uma decisão pessoal.

Assim, o discernimento proposto por Inácio ultrapassa a tutela clerical e abre as portas à ação do Espírito de Deus, criativo e gerador de unidade. Por sua vez, o discernimento inaciano, tema de nossa pesquisa, implica: moções, movimentos interiores, agitações, bom e mau espírito, consolação e desolação espiritual, eleição e um apostolado contínuo. Dá ênfase à liberdade, à alegria, à tomada de consciência, ao conhecimento interno, tudo para a maior glória de Deus (cf. *Autob.* 85).

No segundo e terceiro capítulos de nossa pesquisa discutiremos, a partir da experiência do santo basco, descrita no livro do *Relato* e transmitida de modo sistemático no livro dos *Exercícios Espirituais*, estes e outros aspectos peculiares ao discernimento inaciano. No segundo, veremos que para Inácio nenhuma decisão era considerada neutra, ao mesmo tempo em que para bem decidir é preciso voltar a atenção ao mundo dos movimentos interiores. Somos agitados por diversos espíritos e ora sentimos consolação, ora desolação espiritual; o que nos conduz para Deus? A boa decisão para ele é aquela que não nos desvia do fim para o qual somos criados: o louvor e o serviço de Deus (cf. EE 23). Depois, consideraremos o retiro inaciano, em suas quatro semanas, sob o aspecto do discernimento. No terceiro, falaremos sobre o segundo tempo de eleição dentro e fora do retiro inaciano, um modo de discernir a vontade de Deus a partir das moções espirituais. Antes, contudo, no primeiro capítulo da nossa pesquisa, faremos uma fundamentação bíblico-teológica do discernimento cristão, observando alguns pontos de presença no Antigo e Novo Testamento e em sequência abordaremos alguns elementos antropológicos que subsumimos como pressupostos para o discernimento.

Previamente ao desenvolvimento do nosso texto vamos entender um pouco o significado do tema. O discernimento pode se referir a diversas questões, no nosso caso específico se refere ao conhecimento da vontade de Deus. É, portanto, um discernimento espiritual.

O discernimento determina nossa vontade antes dela ser decidida. Relaciona-se, portanto, com as escolhas e decisões humanas. Mais, o discernimento envolve um tipo de escolha mais séria e comprometida, exigindo processo e estrutura mais elaborados. Portanto, está aliado a um processo diligente de busca e encontro de uma boa decisão. Associando esse conceito ao nosso interesse específico, o discernimento é tido como espiritual, referindo-se à busca e ao encontro da vontade de Deus.

Chegamos, por fim, ao entendimento inaciano de discernimento: processo definido e elaborado a que se submete uma pessoa para buscar e descobrir a vontade de Deus a respeito do objeto de discernimento, conduzindo-a a uma eleição, como veremos mais adiante.

O processo específico do discernimento inaciano se encontra no livro dos *Exercícios Espirituais*, sendo todo o seu objetivo o encontro pessoal com a pessoa de Jesus Cristo para conformar-se com a vontade do Pai, pela ação do Espírito Santo. Em resumo, sua finalidade última é buscar e encontrar a vontade de Deus (cf. EE 1).

O nosso objetivo em pesquisar o discernimento inaciano é, antes de tudo, demonstrar o papel qualitativo que este promove à vida espiritual cristã. Inácio dá testemunho disso com a própria vida, pelas experiências de consolações e desolações. Discernindo-as, se pode conhecer com bastante clareza a vontade de Deus. Por isso, é também nosso objetivo apresentar a importância de tomarmos consciência da existência dos diversos espíritos que nos agitam (as moções), a importância de diferenciá-los (bom ou mau espírito) e, por fim, de interpretá-los. Depois desse processo, de como o discernimento nos conduz a uma eleição, concretização da vontade de Deus na vida, que será ratificada na apostolicidade cotidiana.

O tema do discernimento inaciano é uma verdadeira escola de maturidade humano-espiritual e, por isso, se mostra tão importante hoje quanto no século de Inácio. Nas crises e transições do século XVI, ante a oferta de novos e diversos conhecimentos, pensar com a própria cabeça era essencial. E atualmente, num mundo onde a pluralidade de ofertas de sentido é crescente, o jogo de fatalidades é cultivado e a irreflexão nas decisões é atestada, a necessidade do discernimento é latente. É, portanto, o caminho imprescindível para se encontrar a verdadeira

felicidade com Deus. Pois nesse caminho encontramos liberdade, alegria e amor, aspectos tão caros à espiritualidade inaciana.